



Espaços, tempos e ritmos: crônicas de vidas possíveis no povoado de Chapada, Ouro Preto, Minas Gerais.

Spaces, times and rhythms: Chronicles of possible lives in Chapada town, Ouro Preto, Minas Gerais.

Bruno de Araújo Rangel¹
brunoaraujorangel@gmail.com
Leonardo Luiz Silveira da Silva²
leoluizbh@hotmail.com

Resumo

O processo de globalização que se intensificou a partir dos anos 1990 vem ditando as transformações no espaço geográfico e no espaço percebido. Ao visitarmos o pequeno povoado de Chapada, distrito do município de Ouro Preto, desafiamos as visões hegemônicas de David Harvey e Marshall McLuhan, que apontam a compressão do tempo espaço e a formação de uma aldeia global como marcas inequívocas da globalização. Neste particular, utilizamos a fenomenologia e a história oral como forma de endossar a crítica de Milton Santos aos mitos da globalização e apontar outros modus vivendi possíveis, descrevendo identidades que reúnem fragmentos temporalmente distintos.

Palavras-Chave: Globalização, fenomenologia, História Oral, Identidades.

Abstract

The globalization process which intensified from the 1990s has been dictating the changes in geographic space and perceived space. A visit to the small town of Chapada, Ouro Preto district, challenge the hegemonic visions of David Harvey and Marshall McLuhan, pointing to compression of time and space the formation of a global village as clear marks of globalization. In particular, we use the phenomenology and oral history as a way to endorse criticism of Milton Santos to the myths of globalization and point to other possible modus vivendi, describing identities that together temporally distinct fragments.

Key Words: Globalization, phenomenology, Oral History, Identities.

¹ Historiador graduado pelo Unicentro Newton Paiva e Especialista em História da Arte e da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais e professor dos Colégios Magnum Agostiniano e Santo Antônio.

² Doutorando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e professor do Colégio Magnum Agostiniano Bolsista da Capes II.

Espaços, tempos e ritmos: crônicas de vidas possíveis no povoado de Chapada, Ouro Preto, Minas Gerais.

1- Introdução

A década de 1990 registrou diferenças profundas na sociedade em que vivemos. Primeiramente, foi o momento em que o socialismo caducou como sistema político econômico, a partir da fragmentação da URSS, que abraçou o capitalismo. Em um mundo sem a bipolaridade político econômica, entrou em cena a era dos grandes blocos econômicos, que buscavam potencializar as relações regionais entre países que se aproximaram economicamente. Medidas extremamente protecionistas passaram a ser mal vistas no mercado e serviam para afastar investimentos estrangeiros. A ideia de um Estado forte se despedaçou, dando espaço para o Estado Mínimo, mais adequado para esse mundo onde o processo de globalização se intensificou, tendo a flexibilização produtiva como um dos principais motes do capitalismo. Ao mesmo tempo, os avanços das telecomunicações - sobretudo a popularização da Internet - ajudaram a revolucionar o caduco modo de produção, iniciando uma era em que os limites do palco das atividades econômicas privadas e estatais se expandiram. David Harvey em seu livro “A condição pós-moderna”, compartilha dessa percepção, apontando para características peculiares do mundo no final do século XX:

Se houve alguma transformação na economia política do capitalismo no final do século XX, cabe-nos estabelecer quão profunda e fundamental pode ter sido a mudança. São abundantes os sinais e marcas de modificações radicais em processos de trabalho, hábitos de consumo, configurações geográficas e geopolíticas, poderes e práticas do Estado, etc. No Ocidente, ainda vivemos em uma sociedade em que a produção em função de lucros permanece como o princípio organizador básico da vida econômica. (HARVEY, 2004, p.117)

1.1 – Observações sobre o espaço

A flexibilização produtiva, que se consagrou no final do século XX, é o resultado de uma atuação racional dos grandes empreendedores que viam nas novas tecnologias a possibilidade de fixarem sua base produtiva a muitas centenas de quilômetros do mercado consumidor de seu interesse. O cenário em questão foi construído mediante a ascensão de novas vantagens comparativas que, equacionadas, deram luz a uma nova organização produtiva, caotizando a antiga divisão territorial do trabalho.

Porém, a nova geografia da produção e da circulação não foi desenhada apenas pela existência de novas áreas de produção, que permitiu que muitos produtos consumidos no ocidente apresentassem o registo “*Made in*” Indonésia, Bangladesh ou Vietnã. A produção geográfica também foi desenhada pela existência de novos mercados consumidores potenciais, que fizeram com que empresas, anteriormente europeias, japonesas ou americanas cogitassem a mudança do seu centro de decisões para países, outrora chamados de terceiro mundo.

A construção da noção de um sistema econômico foi principalmente feita pela flexibilização produtiva. Harvey (2004) ajuda a entender o novo mundo que permite a flexibilização produtiva ao utilizar a expressão “compressão do tempo-espaço”. Justifica a expressão e discorre sobre ela neste trecho:

Uso a palavra compressão por haver fortes indícios de que a história do capitalismo tem se caracterizado pela aceleração do ritmo de vida, ao mesmo tempo em que venceu as barreiras espaciais em tal grau que por vezes o mundo parece encolher sobre nós. O tempo necessário para cruzar o espaço e a forma como costumamos representar esse fato para nós mesmos são indicadores úteis do tipo de fenômeno que tenho em mente. À medida que o espaço parece encolher em uma aldeia global de telecomunicações e numa espaçonave terra de interdependências ecológicas e econômicas – para apenas usar duas imagens conhecidas e corriqueiras -, e que os horizontes temporais se reduzem a um ponto em que só existe o presente (o mundo do esquizofrênico), temos de aprender a lidar com um avassalador sentido de compressão dos nossos mundos espacial e temporal. (HARVEY, 2004, p.219)

A aniquilação do espaço pelo tempo

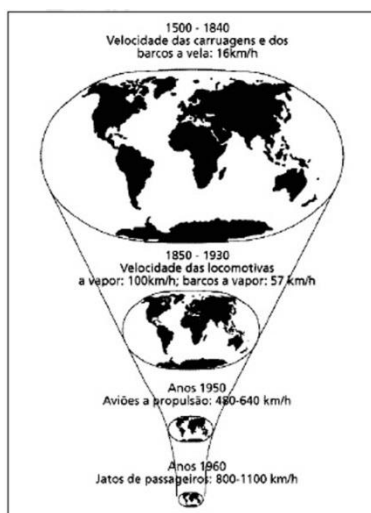


Figura1: HARVEY (2004, p.220)

A compressão do tempo-espaço descrita por Harvey tem se reproduzido e dominando *o modus vivendi* da humanidade. Contudo, determinados espaços resistem aos processos de transformação dos grandes agentes da globalização, sendo descritas como rugosidades pelo geógrafo Milton Santos:

Chamemos de rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares (...).

(...) Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho. (SANTOS, 2012a, p.140)

Assim, as rugosidades representam a resistência ao processo hegemônico, ao apresentarem registros de técnicas já superadas convivendo com técnicas modernas - ao mesmo tempo em que representam ritmos diferentes ao se apresentarem como verdadeiros enclaves tempo-espaciais de épocas pretéritas. Esses modos “defasados”, ao conviverem em um mundo altamente globalizado, tornam-se não somente um registro do passado, mas um modo de vida alternativa frente aos processos hegemônicos atuais. Além disso, as rugosidades representam registros vivos do questionamento da natureza da globalização. Sendo que, as promessas do processo de globalização são duramente questionadas quando colocadas frente a essas realidades impensáveis para os cidadãos das grandes metrópoles. Sobre as promessas não realizadas da globalização argumenta Milton Santos:

Fala-se, por exemplo, em aldeia global para fazer crer que a difusão instantânea de notícias realmente informa as pessoas. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal. Enquanto isso, o culto ao consumo é estimulado. (SANTOS, 2012b, p. 19)

As cidades mundiais são nós centrais das grandes redes viárias. O vasto tecido viário que repousa sobre o planeta confere precisos detalhes anatômicos do processo da globalização. Áreas menos assistidas pelas vias acabam sendo as menos interessantes para o mercado e a apropriação econômica, tendendo a conservar características peculiares e se tornando aquilo que Milton Santos chamou de rugosidades do espaço. As diferenças espaciais se manifestam em diversas escalas: dentro das próprias cidades, na província, no país ou no continente.

1.2 – Observações sobre a identidade

Segundo Stuart Hall (2002) o mundo moderno passa por uma crise de identidade, para o autor, as velhas identidades capazes de estabilizarem o mundo social, estão em declínio, fragmentando o indivíduo moderno ao desestabilizar as âncoras de referências do mundo social. Na verdade, ao que parece, nada mais é estável e tudo flutua. Essa identidade flutuante está sempre se alterando de acordo com as mudanças culturais. Nesse sentido, um aspecto relevante a ser considerado no processo de mudança é a globalização que, como fenômeno da modernidade, é o combustível da permanente transformação, “todas as novas relações se tornam antiquadas, antes mesmo de se consolidar. Tudo o que era sólido se evapora no ar” (Marx e Engels, 2003, p. 29).

Entretanto, em pequenas comunidades mal assistidas por redes de transporte e comunicações, as pessoas parecem ir à contramão da modernidade e mantêm uma identidade cujo sujeito sociológico ainda é mais importante do que o sujeito pós-moderno. Por este prisma, a identidade individual ainda busca elementos simbólicos que preencham o interstício entre o interior e o exterior, mas em sintonia com as rupturas e permanências de suas referências sociais, ou seja, a identidade ancora o indivíduo à estrutura social, estabilizando e solidificando as relações por um tempo maior do que na identidade calcada na frivolidade da globalização.

Estabelecido o ponto de partida para a discussão sobre a identidade, passemos a problematizar a relação da memória com a construção da identidade. Ora, segundo Maurice Halbwachs³, o indivíduo é o responsável pela lembrança, mas são os grupos sociais que determinam o que é memorável. Sendo assim, as pessoas podem se lembrar até mesmo de algo que elas não viveram.

1.3 – O objetivo do artigo

O presente trabalho aborda duas frentes do processo de globalização: as mudanças e permanências espaciais e identitárias. Com o objetivo de assimilar, compreender, aplicar e questionar as incoerências do processo de globalização realizamos um trabalho de pesquisa em um pacato povoado de Ouro Preto chamado Chapada. Nesse povoado, foi estabelecido contato com um modo de vida diferente do cotidiano das grandes cidades e pudemos refletir sobre a validade dos pressupostos teóricos de Milton Santos quanto às promessas não realizadas da globalização (ver página 3). Seriam tais questionamentos de

³ Maurice Halbwachs *in* BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*, 2000. P. 70

Milton Santos válidos? Ou a generalização de David Harvey, ao propor a compressão tempo-espaço, pode ser entendida como uma correta leitura da realidade? O ambiente encontrado em Chapada fora adequado para avaliar tais paradigmas. Ao lado dessa perspectiva, nosso trabalho buscou realizar uma micro-história social do lembrar, que considera a relevância da transmissão da memória, mas também os usos do esquecimento coletivo como forma de construção da identidade.

Para tanto recorreremos a história oral como forma de dar especial atenção aos excluídos da história oficial e documental. Nosso trabalho se refere à uma história do cotidiano da vida privada, local e enraizada no espaço. Por isso, demos uma atenção especial às maneiras de pensar e sentir que são extremamente subjetivas. Segundo Etienne François:

(...) uma pesquisa oral pode revelar tantos elementos novos sobre o período da história contemporânea (...) porque o seu potencial documental e heurístico vai além dos aperfeiçoamentos técnicos de uma simples “ciência auxiliar”, podendo, desde que utilizado com conhecimento de causa, desembocar num verdadeiro salto qualitativo. Quaisquer que sejam as precauções críticas no emprego dos depoimentos orais, como historiador modernista não posso deixar de assinalar o contraste entre as limitações das raríssimas entrevistas ou histórias de vida que encontramos nos arquivos e as possibilidades quase infinitas e a representatividade bem maior das entrevistas e histórias de vida suscitadas pela pesquisa oral. (FRANÇOIS, 2005, p. 9)

Já que pretendemos contar crônicas de vidas possíveis, nada melhor do que os métodos fenomenológico e a história oral para nos dar esse suporte.

1.4 – Sobre o método

A fenomenologia procura tornar explícita a estrutura e o significado implícito da experiência humana (SANDERS, 1982). Exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à consciência, enfatizando a experiência pura do sujeito (COLTRO, 2000); não ensina uma dialética unidimensional, mas polissêmica. Essa interpretação se faz na forma de um conflito de interpretações que é indispensável para que a ação interpretativa se aproxime, o máximo possível da estrutura simbólica do fenômeno (REZENDE, 1990). Para tanto, a aplicação de questionários promovem a interlocução entre o investigador e o investigado, na intenção de compreender a dimensão da experiência do indivíduo entrevistado. Com os relatos evidenciados na entrevista, é possível uma análise intersubjetiva da experiência, que nos aproximam da construção do *modus vivendi* e do entendimento dos pilares da formação identitária comunitária.

A história oral, como método de pesquisa, tem a função de purgação da memória (FRANÇOIS, 2005) e uma reação ao quantitativismo positivista que dominou as ciências sociais (LAZANO, 2005)⁴. O estudo da oralidade é um meio profícuo de se estudar comunidades rurais, nas quais o conhecimento e a memória ainda transitam pelos caminhos da oralidade. Entretanto, além de coletarmos, ordenarmos e sistematizarmos as informações transmitidas por via oral, nós também analisamos, interpretamos e inserimos essa nossa fonte de estudo em um contexto macro, que é o processo de globalização.

Durante a aplicação dos nossos questionários, procuramos instruir nossos pesquisadores coletores a se envolverem de forma subjetiva com os entrevistados. Pois sabemos que as nossas fontes fornecem informações pessoais que representam o seu ponto de vista de um todo que vai além de sua própria subjetividade. Entretanto, não nos esquecemos de realizar uma abordagem científica por meio da confrontação das fontes, do trabalho crítico e a adoção de uma perspectiva. Ao reconhecermos a nossa subjetividade, demos uma manifestação clara do nosso espírito crítico sobre a nossa própria prática (JOUTARD, 2005)⁵. Sabemos também que, ao utilizarmos a história oral como método, não agimos exclusivamente como cientistas, mas nos aproximamos do ofício do artista, pois não hesitamos em fazer uma história-memória, obra de pesquisa e obra de arte, pois somente um artista pode explicar o inominável e trazer à tona o sentir e o pensar que são totalmente abstratos e convertê-los em letra, em crônicas de vida possíveis.

2- Desenvolvimento

Chapada é um povoado pertencente ao município de Ouro Preto cuja população gira entorno de 60 habitantes. Foi fundada no esteio da mineração, assim como vários povoados em Minas Gerais. O povoado de Chapada se formou a fim de abastecer às áreas mineradoras de Ouro Preto ainda no período colonial. O povoado foi batizado com o nome Chapada devido aos aspectos geomorfológicos de sua paisagem adjacente, ainda que, a formação que cintila em seu horizonte não seja uma Chapada propriamente dita. O povoado manteve o costume colonial de fixar a maior parte das moradias no entorno da praça da Igreja. Ninguém sabe ao certo quem fez a doação das terras para o patrimônio de Sant'Ana. Conta-se que foi uma família de portugueses que vivia na região. Embora não tenhamos acesso ao



Figura 2: Placa no Início do Povoado. Chapada 2014. Acervo pessoal do pesquisador. Bruno Rangel.

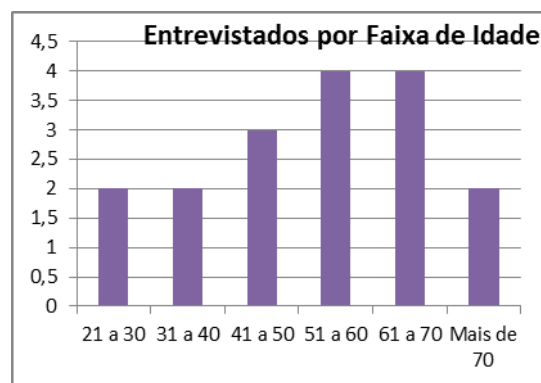
e Amado Janaína.(Org). Usos e Abusos da História Oral. FGV, RJ. 2005)

documento de doação, alguns moradores afirmam que tal documento encontra-se nos arquivos da Igreja de Sant'Ana, em Chapada.

2.1- Perfil do entrevistado

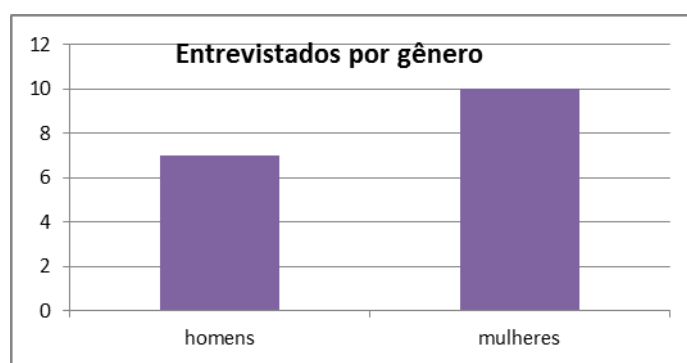
A amostra dos entrevistados envolveu 17 indivíduos. Nesta amostra, os entrevistados eram adultos, maiores de 20 anos. As entrevistas foram realizadas em uma quarta-feira, entre 10:00 e 15:00. O povoado possui uma população madura, como pode ser observado nos dados recolhidos nas entrevistas. A maioria dos entrevistados era composta por mulheres (10 das 17 entrevistas).

Gráfico 1



Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa de campo

Gráfico 2

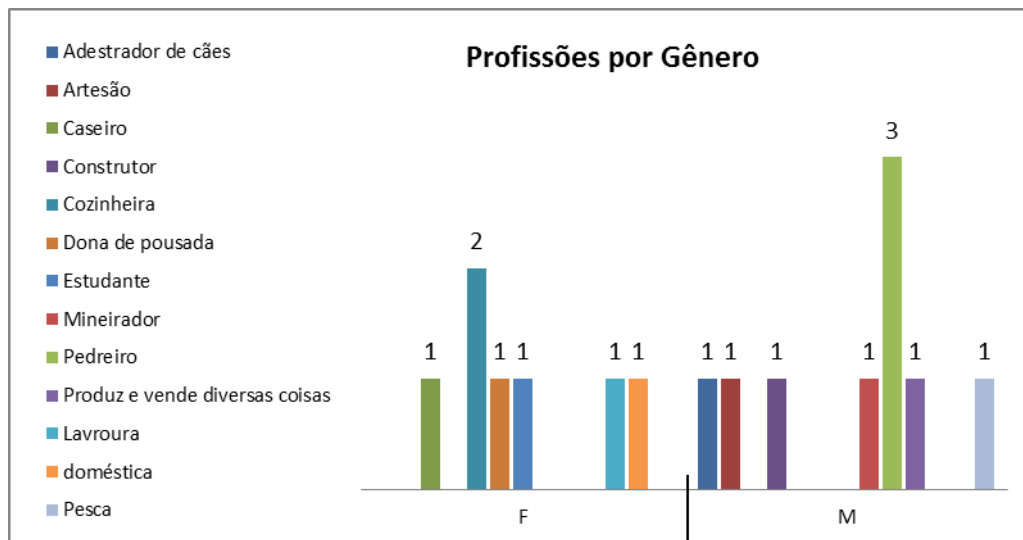


Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa de campo

Não foi registrada a primazia de uma profissão em detrimento das demais. Pedreiros se destacaram no universo amostral, como já era esperado: foram observadas obras de melhoria em algumas casas e ampliações de pousadas puderam ser notadas. Há uma clara complementariedade em muitas das profissões registradas, o que nos permite inferir uma certa integração do trabalho na incipiente economia local.

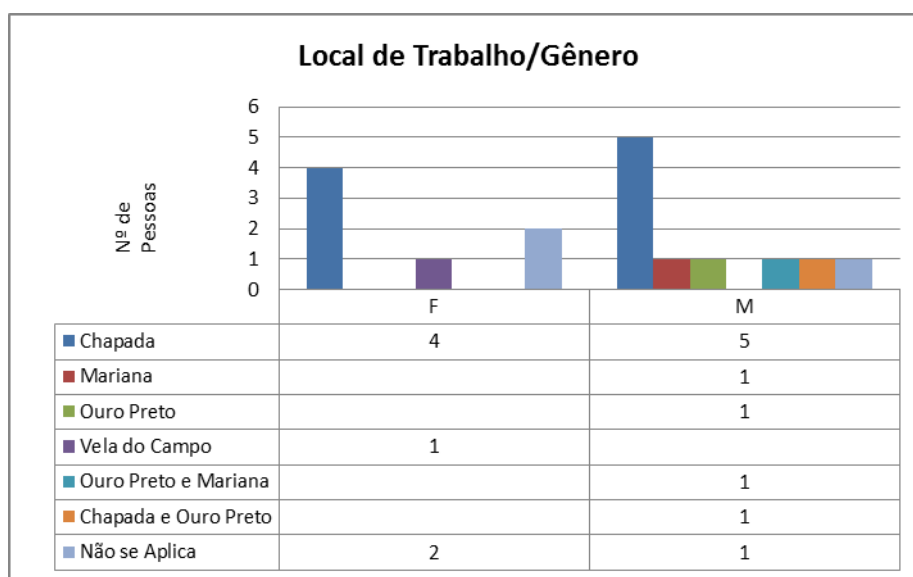
Gráfico 3

Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa de campo



A maioria dos entrevistados trabalha mesmo em Chapada. Apesar disso, devido a existência de muitas casas em que o morador não se encontrava na hora da entrevista, é de se esperar que o número de pessoas que trabalham fora do local do domicílio seja muito maior. É provável que se a entrevista for realizada em um dia de semana diferente ou em um horário diferente, o equilíbrio dessa amostra se modifique sensivelmente. É possível perceber, através da interpretação da amostra, um certo grau de influência de Mariana e Ouro Preto sobre o quesito abordado.

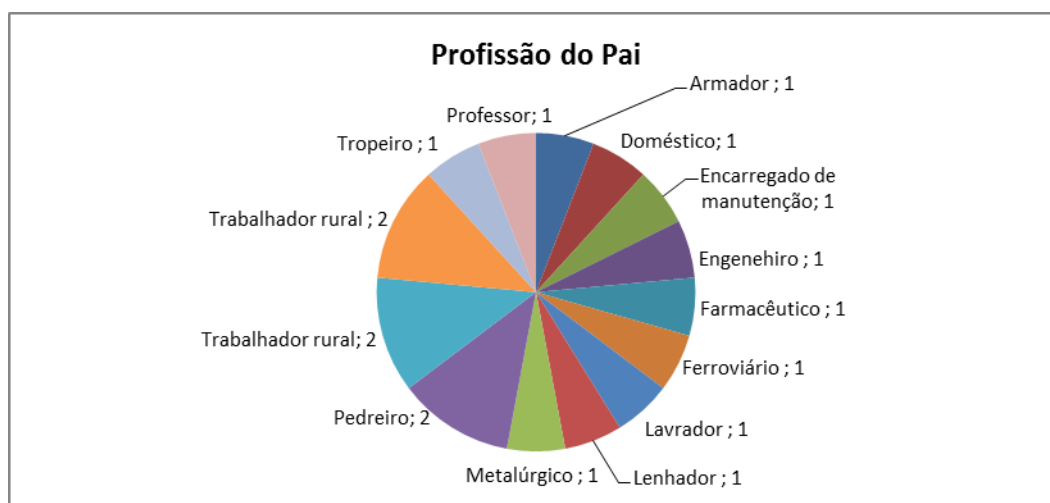
Gráfico 4



Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa de campo

Também fora perguntado sobre a profissão dos pais dos entrevistados. Sendo que, se as profissões dos seus genitores não foi esclarecedora por não apontar um padrão, as profissões das mães apresentaram duas ocupações dominantes: doméstica (5 ocorrências) e dona de casa (7 ocorrências), mostrando fortemente uma relação da mulher com o trabalho doméstico, seja em sua casa ou na casa de outrem.

Gráfico 5



Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa de campo

Gráfico 6

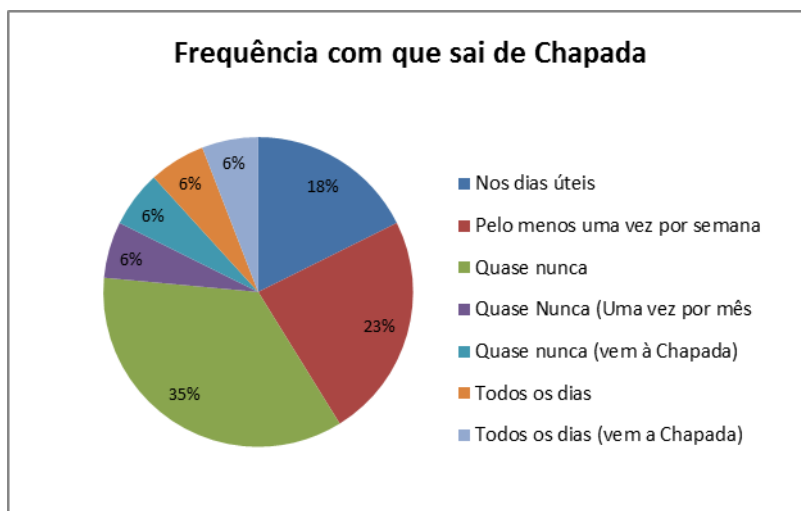


Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa de campo

A ampla maioria dos entrevistados não frequenta instituições de ensino (16 das 17 entrevistas). Isso talvez se deva pelo perfil etário da amostra entrevistada. Quanto ao grau de instrução, 3 (17,64%) apresentam Ensino Médio completo e outros 3 apresentam Terceiro Grau completo. Outros 7 (41,17%) sequer apresentam o 9º Ano do Ensino Fundamental Completo, permitindo-nos inferir que a maioria dos entrevistados possui baixo grau de instrução.

A grande maioria dos entrevistados possui carro ou moto (13 entrevistados, ou seja, 76,47%), o que ajuda a entender o certo grau de mobilidade apresentado pelos entrevistados, que, em sua maioria, deixam o povoado com certa frequência pelos mais variados motivos. Cerca de 41% dos entrevistados encaixam-se em um perfil de menor mobilidade, deixando Chapada dificilmente (com frequência de uma vez por mês ou mais raramente).

Gráfico 7

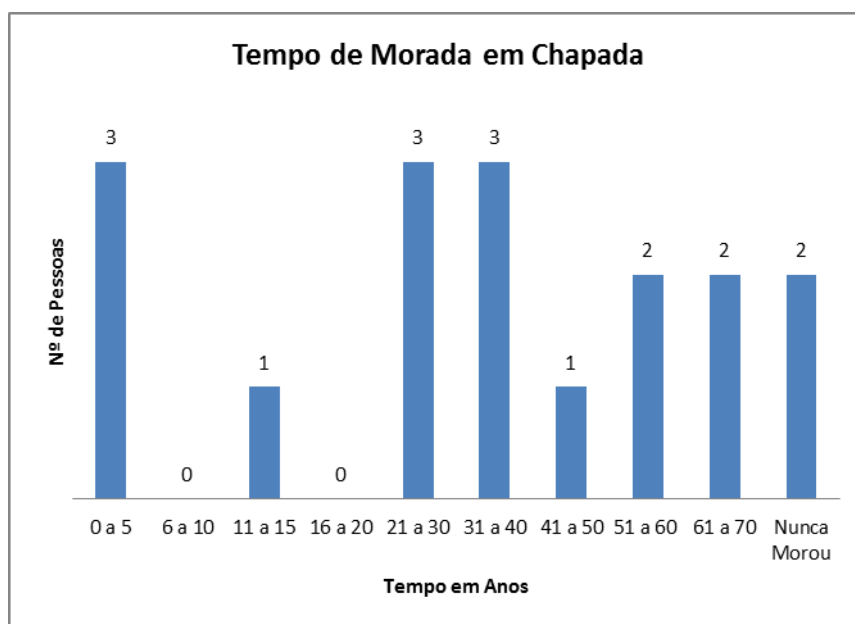


Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa de campo

A amostra revelou um grupo de indivíduos integrados no que diz respeito à comunicação, sendo que 14 (82,35%) fazem uso do celular, que é muito mais popular do que o telefone fixo (somente 5 entrevistados o possuem, ou seja, 29,41%). A internet, contudo, é novidade para muitos. É disponível para a comunidade desde 2012 e ainda não é amplamente utilizada, pelos menos no que se refere à amostra entrevistada: somente 5 (29,41%) fazem uso dessa ferramenta.

A maioria dos entrevistados mora em Chapada há mais de 20 anos. Isso permite inferir que, dentre os entrevistados, há a predominância da estabilidade de moradia, conforme pode ser percebido no gráfico a seguir.

Gráfico 8



Fonte: Entrevistas realizadas na pesquisa de campo

2.2- Etnografia identitária

2.2.1- Festas do Povoado

As festas locais são muito importantes para o povoado, uma vez que, atraem os turistas. Dentre essas datas, destacam-se a festa da padroeira, Sant'Ana, a gastroarte, o carnaval e a festa de São João. Além das festas, o patrimônio paisagístico do povoado e o espírito bucólico interiorano, típico de Minas Gerais, são outros atrativos para os turistas. A principal festa do povoado é a da padroeira, Sant'Ana. Organizada pelos próprios moradores, essa festa recebe entre 500 a 1000 pessoas todos os anos e é composta por comidas típicas, leilões e muita música. Além é claro, da coroação das crianças, ritual que vai ganhando contornos de tradição na comunidade.

A segunda maior festa do povoado é a Gastroarte. O evento envolve o que há de melhor na culinária do povoado e têm chamado a atenção, inclusive da mídia. José Loretto, um comerciante local, já foi entrevistado pelo Estado de Minas e por revistas especializadas no ramo da culinária. O motivo da procura por José Loretto é o fato de esse senhor ser o inventor da paella mineira, um

prato espanhol, adaptado pelo cozinheiro. A base da paella mineira é o torresmo à pururuca, mas outros ingredientes como a linguiça caseira também compõem o prato.

2.2.2- “Alguma coisa está fora da ordem”

A gravação da minissérie global, o Memorial de Maria Moura, gerou no povoado um sentimento de pertencimento ao mundo. A gravação da minissérie fez com que as pessoas se sentissem inseridas na macro sociedade e no circuito econômico global. Esse sentimento ocorreu devido ao aumento dos turistas que procuravam o povoado, gerando, no campo das ideias e no imaginário coletivo, um novo patamar de importância da comunidade perante a sociedade brasileira.

Chapada foi escolhida para gravação devido à sua paisagem urbana conservar os aspectos rústicos e coloniais e a sua gente preservar as marcas e a simplicidade do interior.

2.2.3- Religião



Figura 3 Igreja do Povoado de Chapada. 2014. Acervo pessoal do pesquisador. Bruno Rangel.

A religião mantém as suas raízes coloniais e familiares. O povoado é católico, à exceção de um entrevistado que é evangélico. As pessoas mantêm a devoção a vários santos, mas a santa que é alvo das preces dos fiéis é Sant’Anna, certamente pelo fato de ser a única igreja do povoado. A Igreja foi construída ao longo do século XIX por doações da comunidade e, ao que parece, substituiu a capela que fora construída nas terras do doador do patrimônio à Igreja. Assim, a Igreja se tornou comunitária e passou a ocupar o local de destaque na vida da comunidade, ou seja, na única praça do povoado. Ao redor da Igreja, se organizam as casas dos moradores e também toda a vida coletiva local, pois é na praça que se realizam todos os eventos sociais.

2.2.4- Memória e outros aspectos identitários

Embora as técnicas e os materiais de construção tenham se modernizado e ambos já tenham chegado ao povoado de Chapada, várias das casas ainda mantêm a taipa como principal matéria-prima. As telhas coloniais, feitas rusticamente, remetem ao tempo em que se moldava o barro da telha na coxa dos ceramistas. Recentemente, o Sr. Valter construiu em sua propriedade um moinho d’água utilizando como matéria-prima a taipa.



Figura 4 Moinho d'água na propriedade do Sr. Valter. Chapada 2014. Acervo pessoal do pesquisador - Bruno Rangel.

A memória coletiva, ainda calcada na âncora do grupo, talvez seja, a característica mais marcante da identidade local. Embora algumas pessoas tenham destacado memórias pessoais como as mais significativas para elas, a maioria dos moradores deram destaques a momentos vivenciados em espaços públicos pela coletividade, pois, até mesmo aquelas pessoas que não viram a gravação do Memorial de Maria Moura, lembram-se desse evento como o mais importante do povoado. As celebrações são

uma forma poderosa de transmissão da memória, pois, introjeta no indivíduo os símbolos sociais bem como os seus significados e valores que a posteriori serão espelhados na formação da identidade pessoal.



Figura 5 Sr. Valter, entrevistado no projeto. Chapada 2014. Acervo Pessoal do pesquisador. Bruno Rangel.

Dentre os meios de transmissão da memória, o espaço ganha importante significado no estudo da identidade do povoado de Chapada. Afinal, a paisagem urbana ainda remonta ao passado colonial, como nos mostra, dentre outros aspectos notáveis da paisagem, a edificação recente do moinho d'água (fig. 3). Fora do seu tempo, como uma poesia anacrônica, apresenta-se como um esforço de reconstrução do espaço colonial. A relação entre o lugar e a memória que preserva a paisagem urbana colonial e ainda a

constrói, caso do moinho já citado, serve claramente para diferenciar o “nós” do “eles”. A referência de que o coletivo é mais relevante do que o pessoal. Tais aspectos comuns da memória formam os esquemas⁶ cujo objetivo é lembrar, ou representar, um determinado acontecimento do passado que seja relevante para o grupo.

3- Conclusão

Tendo em vista as várias identidades sociais em culminância com a existência de memórias, tanto as conflituosas como as alternativas, constatamos que, em Chapada, a memória coletiva, construída a partir de elementos simbólicos, como o espaço e o próprio discurso, é preponderante sobre as outras – as conflituosas e as alternativas -. Ou seja, a identidade social é formada por

⁶ O historiador da arte Ernst Gombrich, citado por Peter Burke no livro *Variedades da história cultural*, página 77. 2000. Destaca que o aspecto em comum de lembrar um determinado fato ou pessoa – de maneira coletiva - em detrimento de outro constitui-se nos esquemas da memória.

memórias coletivas e, portanto, a identidade social predomina sobre a identidade individual, assim o mesmo ocorre com a memória.

No povoado de Chapada encontramos, através dos simbolismos, a formação de uma identidade social cujo indivíduo busca se amarrar ao grupo construindo e formar uma memória coletiva entorno da própria existência pessoal. A predominância da memória coletiva sobre a individual é uma característica marcante das sociedades coloniais e pós-colonial⁷, na qual o indivíduo, quase sempre, esteve suprimido diante do grupo. Tal característica contrasta com a formação de uma identidade moderna, na qual o indivíduo prevalece sobre o grupo e suas memórias pessoais constituem a sua identidade de maneira mais marcante do que as coletivas.

No povoado de Chapada, consome-se mais lentamente os mesmos bens, serviços e imagens que são consumidos pelas culturas globais. Nesse sentido, podemos dizer que o atrativo turístico do povoado é exatamente a manutenção de suas características que lhe conferem uma identidade anti-moderna. Stuart Hall nos afirma:

(...) Há, juntamente com o impacto do “global”, um novo interesse pelo “local”. A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de “nichos” de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”. (HALL, 2002. Pg. 77)

As peculiaridades registradas na comunidade contribuem para o endosso do pensamento do geógrafo Milton Santos, que serve para criticar a ideia generalizada de que a compressão tempo-espaço de David Harvey, apontada como condição do processo de globalização, encontra exceções. Chapada encontra-se próxima a um grande centro urbano do Brasil – Belo Horizonte -, a uma distância menor que 100 km, e ainda sim preserva elementos de um *modus vivendi* típico de outros tempos.

Assim, as críticas de Santos à imagem construída acerca da natureza da globalização, consolidam-se como importantes elementos de reflexão e relativização desse processo. Encontramos, por fim, em Chapada, Ouro Preto, uma síntese das reflexões deste autor, que se por um lado sofre certa rejeição por ser associado à geografia marxista da década de 1980, por outro trata-se do geógrafo brasileiro de maior reconhecimento internacional no campo da geografia humana.

4- Referências bibliográficas

⁷ No livro *O Local da Cultura*. 2013 páginas 278 a 282, Bhabha discute que a identidade pós-colonial é a reinterpretação da consciência colonial. Desta forma ocorreria uma contramodernidade pós-colonial.

BADIE, Bertrand. **Um mundo sem soberania: Os Estados entre o artifício e a responsabilidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. São Paulo: **Cadernos de Pesquisa em administração**, V. 1, n°. 11, 1º tri, 2000.

FRANÇOIS, Etienne. *in* FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (Org). **Usos e Abusos da História Oral**. FGV, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (org). **Usos e Abusos da História Oral**. FGV. 2005.

GEORGE, Pierre. **Villes et conditions naturelles**. In: Précis de Géographie Urbaine. Paris: P.U.F, 1969, traduzido por AMORIM FILHO.

HALBWACHS, Maurice *in* BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. 2000. P. 70

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. DP&A. 2002.

HARVEY, David. **Condição pós-Moderna**. São Paulo, Edições Loyola, 13ª Ed., 2004.

JOUTARD, Philippe *in* FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (Org). **Usos e Abusos da História Oral**. FGV, 2005.

LAZANO, *in* FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. (Org). **Usos e Abusos da História Oral**. FGV, 2005.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. Instituto José Luis Rosa. 2003.

REZENDE, Antonio M. **Concepção fenomenológica em educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

SANDERS, Patricia. Phenomenology: A new way of viewing organizational research. **Academy of management review**, vol. 7, n° 3, , p. 353-360, 1982.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2012b.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2012a.

TREMBLAY, Gaetan. De Marshall McLuhan a Harold Innis ou da aldeia global ao império Mundial. Porto Alegre: **Revista Famecos**, n° 22, 2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Após o Liberalismo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZAKARIA, Fareed. **O mundo pós-americano**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

Entrevistados (nossas fontes):

Ana Guimarães, 44; Antônio, 58; Diego, 42; Elza Ferreira, 56; Geraldo, 32; Geraldo Fagundes, 69; Gilson João Pinheiro, 66; Ilda, 85; José de Oliveira Lorato, 54; Junio Bento Perreira, 36; Magno da Silva; Maria do Carmo Martins Ferreira, 64; Paulo Drumond, 68; Rafael Martins, 24; Regina Célia Quirino, 23; Valter José Pereira, 57; Vitória Maria Pinheiro Saturnino, 42.